

Refrigerio

ISSN 2182-617X ANO 34
Número 180 - ABR/JUN 2021

3

**O mundo
em convulsão**

4

**A escolha divina
para o serviço**

17

**A Páscoa
que Jesus
celebrou**

**“A fé dos
quais imitai”**

Obreiros

Editorial

Nas cartas que Paulo escreve às Igrejas do seu tempo, o apóstolo relembra com alguma insistência o cuidado e o respeito que estas deviam a todos aqueles e aquelas que serviam na Igreja. Exemplos disso são: Febe, uma irmã que servia na igreja em Cencreia, Áquila e Priscila (cooperadores de Paulo), Timóteo, Tíquico, Onésimo, Epafras, Arquipo, entre outros. A estes a Igreja convencionou chamar de “OBREIROS”. São homens e mulheres que um dia responderam positivamente à chamada do Senhor, que por Ele foram capacitados, que foram recomendados por uma igreja local e que dedicaram (ou dedicam) o seu ser, tempo e capacidades no serviço do Senhor e à Sua Igreja.

Em 1 Tessalonicenses 5:12-13, o apóstolo Paulo apela àquela Igreja que RECONHEÇA os obreiros que no seu meio trabalhavam, valorizando aqueles que entre eles presidiam. A sua acção era executada sob a autoridade de Deus (“...no Senhor”) e com o objectivo de promoverem o crescimento espiritual (“vos admoestam”). O desafio constante da Igreja para com as que a servem deve ser pautado pela “ESTIMA” e “AMOR” – a sua obra assim o exige! Muito para além do relacionamento institucional que muitos de nós reconhecemos ser essencial entre liderança e membros da Igreja (respeito, lealdade, franqueza, entre outros), há também o relacionamento pessoal, que resulta do coração, expresso pela estima e pelo amor.

Esta edição do Refrigério é dedicada no seu dossier a quatro obreiros que foram recentemente chamados à glória. O seu serviço nas últimas décadas foi precioso para as assembleias de irmãos em Portugal. É, por isso, de mais elementar justiça que lhes prestemos homenagem, lembrando o seu testemunho, a sua família, o seu serviço e contributo para a obra do Senhor. Todos nós, de uma forma ou de outra, beneficiámos e fomos abençoados pelo serviço que estes obreiros dedicaram, ao longo de muitos anos, ao Senhor e à Sua Igreja.

Duarte Casmarrinha

Índice

- 03** O mundo em convulsão
- 04** A escolha divina para o serviço
- 05** Há, ainda, Homens santos de Deus?
- 06** Carlos Alves
- 09** João Varandas
- 12** Ivan Fletcher
- 15** Manuel Ribeiro
- 17** A Páscoa que Jesus celebrou - parte 1
- 20** Lucena Pacheco
- 24** Pedro Lopes e família

Nos últimos meses, o Movimento dos Irmãos em Portugal viu partir para a glória quatro dos seus mais dedicados obreiros, a saber: Carlos Alves, João Varandas, Ivan Fletcher e Manuel Ribeiro. Estes servos prestaram um serviço inestimável não apenas às Assembleias de Irmãos mas também às igrejas evangélicas em Portugal. Homens com defeitos e virtudes e de antecedentes humildes que em determinada altura das suas vidas conheceram Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Ficha técnica

Ano 34 Número 180 ABR/JUN 2021 ISSN2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.refrigerio.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Equipa Editorial: João Poças, Joel Costa, Joel Resende, Daniela Mateus, Priscila Lopo e João Silva | Design Gráfico e Paginação: João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: C.C. Primavera - Av. Calouste Gulbenkian, Lote 7 - Loja 26 - 3000-092 Coimbra - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.pt | Impressão SIG: Sociedade Industrial Gráfica, Lda | Depósito legal: 21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: 1300 exemplares | Preço de cada exemplar: 2€ | Sustentado através de ofertas voluntárias. Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Jorge Oliveira | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta

O mundo em convulsão

Um Retrato da Sociedade do Séc. XXI



Samuel Trancoso

Pastor da 2ª Igreja Baptista do Barreiro

O apóstolo Paulo disse que nos últimos dias, os tempos seriam difíceis (II Tm 3.1). A palavra “difíceis” é a mesma palavra usada para descrever o furioso endemoninhado de Gadara. O mundo está em convulsão. Há uma inquietação a nível global. Há pânico instalado entre as nações. Esta angústia entre as nações pode ser vista nos seguintes factos:

Em primeiro lugar, uma **pandemia global**. O ano 2020 ficará nas páginas da história como um tempo em que o mundo parou por causa de um vírus. As colunas de sustentação da sociedade foram abaladas. Os poderes económicos, políticos e científicos não tiveram uma resposta rápida e eficaz para sanar esse mal que ceifou mais de um milhão de pessoas em todo o mundo. Países ricos e pobres enfrentaram a pandemia. A morte visitou palácios e barracas, ricos e pobres, doutores e analfabetos, jovens e velhos, crentes e ateus. Bastou um vírus para lançar por terra toda a soberba humana e colocar de joelhos os poderosos.

Em segundo lugar, uma **inversão de valores**. A sociedade moderna não apenas tolera o mal, mas promove-o. Não se trata apenas de acomodação à uma ética flácida e situacional, mas o que se vê é uma inversão de valores. A sociedade aplaude o que deveria reprovar e reprova o que se deveria promover. Chamam luz de trevas e treva à luz. Um exemplo dessa inversão de valores foi a aprovação da lei da Eutanásia ou até do aborto, recentemente na Argentina. Multidões foram às ruas comemorar a cultura da morte. A sociedade que, hipocritamente, fala em direitos humanos, luta bravamente para defender ovos de tartaruga, mas sem qualquer pudor, abana as suas bandeiras celebrando a morte de seres humanos privados do mais sagrado de todos os direitos, o direito à vida. Aborto é assassinato com requinte de crueldade. É arrancar do ventre um ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. O sangue dos inocentes clama aos céus!

Em terceiro lugar, uma marcha rumo ao

ateísmo cultural. A sociedade contemporânea, em nome do Estado laico, quer estabelecer um Estado ateu e de pensamento único. Os símbolos cristãos estão sendo eliminados. Os princípios judaico-cristãos estão sendo perseguidos. O conceito de família, conforme instituída por Deus, está sendo atacada com rigor desmesurado. A intolerância com a fé cristã é notória. Uma onda de Cristofobia percorre o mundo. Cristãos estão sendo perseguidos em todo o mundo e em todos os níveis. A intolerância com a fé cristã é vista até mesmo nos países chamados cristãos. Um exemplo é a prisão do pastor James Coates no Canadá. Essa intolerância, não raro, é notada nos palácios, nos parlamentos, nas cortes, na comunicação social, no teatro e na literatura.

Em quarto lugar, uma radicalização **política intolerante**. O mundo caminha para uma radicalização intolerante. Estamos a perder a capacidade de dialogar com os diferentes e respeitar opiniões diversas das nossas. O idealismo da política está a desfigurar-se. Usa-se o poder para manipular. Compra-se apoio político para se perpetuar no poder. Populismo e ditadura são o sonho de consumo de líderes que amam a si mesmos e o poder em vez de amar o povo para servi-lo.

Em quinto lugar, uma **apostasia galopante**. Não é apenas o mundo que está em convulsão, a igreja, também, em larga escala, mundo a fora, rumo para uma apostasia perigosa. Denominações inteiras sucumbiram ao liberalismo teológico e desidrataram-se. Outras, renderam-se ao sincretismo religioso e perderam-se nos labirintos do misticismo. Há aquelas que, por amor ao lucro, entregaram-se à teologia da prosperidade. Outras comprometeram a verdade fazendo alianças ecuménicas perigosas. Não são poucas as igrejas que acomodaram-se a uma ortodoxia morta.

Neste mundo em convulsão, é preciso erguer a voz e dizer que a única esperança para esta geração é o **evangelho de Cristo**. E só uma igreja viva e cheia do Espírito Santo pode pregar o evangelho com autoridade e poder.

A escolha divina para o Serviço



Luiz Soares

Dedicado Obreiro das Igrejas dos Irmãos no Brasil (1930-2003)

A gloriosa salvação do cristão não está limitada apenas à libertação da condenação, mas outorga-lhe o estupendo privilégio de partilhar de uma santa vocação, a qual entre outras bênçãos, faz dele um cooperador de Deus nos santos interesses do Seu reino. Deus nos escolheu e nos chamou, não para ficarmos acomodados aos nossos interesses pessoais, mas para nos envolvermos na Sua obra e nos interesses da Sua Causa. Nosso estudo trata deste aspecto do chamado do Senhor, por um lado, para encorajar o povo de Deus a ouvir o Seu chamado e, por outro, objetivando conclamar as lideranças a reconhecerem a sua responsabilidade com relação às missões.

O Soberano autor da escolha

“Disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo” (At.13:2) “O Senhor te escolheu” (1Cr.28:10) “Eu vos escolhi” (Jo.15:16)

Escolha pela Graça Soberana

“Não fostes vós que me escolhestes a mim”. Não foi por nossos méritos, nem por nossa capacidade. Ef.2:1-6: “Deus vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, (2) nos quais andastes outrora, seguindo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; (3) entre os quais também todos nós andamos

outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. (4) Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, (5) e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos, (6) e juntamente com Ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”. Em nosso passado nada tínhamos que pudesse nos recomendar.

Era um passado triste, inútil e irremediável: Ef.2:11-13: “Lembra-vos de que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, (12) naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo”... Somente a soberana graça de Deus poderia reverter aquele quadro, transformando aquela situação angustiada em um passado morto, substituído por um presente feliz e glorioso: (13) “Mas agora em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo”.

A escolha partiu do Senhor: Foi o Espírito Santo Quem enviou a Barnabé e Saulo. Os outros textos do nosso estudo afirmam: “O Senhor te escolheu...Eu vos escolhi”. Ele não baseou a Sua escolha em nenhum fator meramente humano e ninguém de nós tinha nada a reivindicar dEle. Pelo contrário, Ele escolheu-nos não por causa, mas apesar do que nós somos. Trazendo-nos de longe para junto de Si, sem nada fazermos ou merecermos, Ele faz-nos Seus filhos e Seus herdeiros e oferece-nos Sua ampla e preciosa comunhão. Quão maravilhosa é a soberana graça do nosso Deus!

Escolha específica e imparcial

I. Fala ao indivíduo: “O Senhor te escolheu”. Ninguém pode se esquivar, pois esta é uma palavra do Senhor para cada cristão.

II. Fala à coletividade: “Eu vos escolhi”. Aquele que nos escolheu, fez de nós seus sacerdotes santos para entrarmos no Seu santuário em adoração e sacerdotes reais para “anunciarmos as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz” (1Pe.2:6,9). III. Estimula o companheirismo: “Apartai-me a Barnabé e a Saulo”. Nada de isolacionismo egoísta. Nada de individualismo exibicionista. O propósito do Senhor é que os Seus obreiros andem juntos em mútua e cordial cooperação.

IV. É sumamente honrosa. É a escolha do Supremo Criador e, portanto, uma suprema honra para os escolhidos. Somos “embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio” (2Co.5:20).

Escolha com propósito definido

“Para a obra a que os tenho chamado ...Vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça ... Faze a obra”. O Senhor não improvisa. Ele planeja o serviço dos Seus servos e os envia para servir naquela esfera. Ele tem autoridade para designar e, então, enviar. O fruto, nas Escrituras, comunica as idéias de caráter, conduta e serviço. Este é o sentido do vocábulo neste caso, embora o propósito do Senhor sempre compreenda os outros sentidos também. O Senhor deseja fruto que permaneça, que Lhe traga prazer, honra e glória. Ao mesmo tempo Ele requer obediência por parte dos servos e exerce a Sua autoridade ao determinar-lhes: FAZE A OBRA.

Há, ainda, Homens santos de Deus?

“Eliseu tinha prevenido a mãe do menino que ele havia ressuscitado: Saia do país com sua família e vá morar onde puder, pois o Senhor determinou uma fome nesta terra, que durará sete anos. A mulher seguiu o conselho do homem de Deus, partiu com sua família e passou sete anos na terra dos filisteus” - 2 Reis 8:1-2



**Orlando
Arraz Maz**

Advogado e membro das Igrejas dos Irmãos no Brasil

Vivemos uma crise de “homens de Deus” NOS nossos dias. Há títulos para todos os cargos eclesiais, mas em nenhum deles encontramos “homem de Deus”. Se por um lado é bastante desalentador, por outro é tranquilizador, pois o que seria dos cristãos comprometidos com Deus, se a grande maioria que povoa as igrejas assim se intitulasse! Claro que muitos “homens de Deus” já pisaram esta terra depois de Eliseu, e há os que ainda vivem espalhados nos nossos dias. Uma das características do “homem de Deus” é a sua mensagem. Esta deve ser bebida diretamente na fonte que é Deus e como tal, uma nascente pura.

Quando a mensagem é transmitida dentro desta perspectiva, uma vez recebida e crida pelo ouvinte, ela terá o seu pleno cumprimento transformando-se em bênçãos. Assim foi a mensagem de Eliseu inserida neste texto, e que serviu de alavanca no coração da mulher. Vale a pena recordar sua história: A mulher, cujo nome não foi registado, conhecida apenas por Sunamita devido à sua origem, vivia com o seu marido, sem filhos, hospedeira do profeta Eliseu quando de passagem por Suném, a sua cidade. Viu nele o “santo homem de Deus” (2 Reis 4:9), e para oferecer-lhe melhor hospedagem, sugeriu ao marido a construção de um aposento provido de uma cama, mesa, cadeira e lamparina. Que boa apreciação para com o profeta, quanto carinho! Sem dúvida, Eliseu ficou impactado por tamanho cuidado, e colocou-se à sua disposição para suprir as suas necessidades. A sua pronta resposta foi de que “estava bem entre a sua própria gente”. Por outras palavras, disse que de nada tinha falta. Entretanto, o servo de Eliseu atentou para o detalhe que ela não era mãe, e prontamente o profeta disse-lhe que daria à luz um filho, o que de facto ocorreu. Mais tarde, quando a criança já crescera, veio a adoecer e morrer, sendo ressuscitada pelo profeta. E no verso que encabeça o nosso comentário, ela volta para a sua cidade depois de sete anos, quando a fome deixou de existir, para reaver as suas terras.

O “homem de Deus” deve ter uma palavra confiável. O exemplo desta mulher é deveras surpreendente, pois ao ouvir o conselho para ausentar-se da sua cidade devido à fome que viria, não pensou duas vezes: “Eliseu tinha prevenido a mãe do menino que ressuscitara: Saia do país com sua família e vá morar onde puder, pois o Senhor determinou uma fome nesta terra, que durará sete anos. A mulher seguiu o conselho do homem de Deus, partiu com sua família e passou sete anos na terra dos filisteus” (2 Reis 8:1-2).

A carência de “homens de Deus” nos nossos dias tem produzido uma quantidade enorme de pessoas que não dão valor, quando os poucos que ainda restam lhes advertem com base nas Escrituras. Muitas vezes viram as costas, zombam das suas palavras, e pagam um alto preço por desobedecê-las.

A Sunamita prontamente deu crédito às palavras do “homem santo de Deus” que a aconselhou a mudar-se com a sua família. Não apresentou argumentos ou dificuldade em deixar a propriedade que lhe pertencia, o conforto do seu lar, e não duvidou de que a fome viria, pois a informação vinha de fonte confiável.

O que ganhou em obedecer de imediato? Após sete anos voltou para requerer do rei a sua propriedade, que por certo a confiscara pelo abandono, ou ainda, reivindicar de terceiros que se apoderaram dela. E a resposta do rei veio sem demora, ordenando ao seu oficial: “Devolva tudo o que lhe pertencia, inclusive toda a renda das colheitas, desde que ela saiu do país até hoje” (2 Reis 8:6). Quando se obedecem às instruções ordenadas por Deus através da Sua palavra, não há o que perder. As bênçãos são inumeráveis.

Quantas lágrimas seriam evitadas e a enormidade de sofrimento deixaria de existir, se muitos dessem ouvidos à voz de Deus que nos vem pela Sua Palavra, ou pelos Seus servos, os “homens de Deus”...

Ainda há esperança. É possível revertermos este quadro tão desalentador no meio do povo cristão. Para os que estão na liderança das igrejas, busquem subsídios na Palavra e se esforcem para serem “homens santos de Deus”. Há nela recursos inesgotáveis. O exemplo de Timóteo vem à tona nestas linhas: “Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino. Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros. Seja diligente nestas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso. Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, fazendo isso, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem” (1 Timóteo 4:13-16). Quer modelo ideal de um “homem santo de Deus”?

As qualidades de Timóteo não são extraterrestres, mas de homens de carne e osso, e que tem problemas estomacais, muitas vezes! Elas são possíveis, sim, nos nossos dias tão tumultuosos, com setas apontando em todas as direções, menos direcionadas à Palavra de Deus. Quantos deixaram o “seu primeiro amor”, e os anos de júbilo de uma nova vida em Cristo ficaram distantes, tão distantes, que ninguém mais vê “um homem santo de Deus”? Eis a razão porque algumas igrejas estão morrendo, e vidas estão distantes, com sede de uma palavra confiável vinda dos lábios de “um homem santo de Deus”.

Que nossos olhos vejam “homens santos de Deus”, pois a carência é tremenda, tocando o coração dos crentes, restaurando-lhes a confiança e pautando todos por um viver de obediência à Palavra, para pleno sucesso na vida cristã.

Que assim seja!



Dossier Obreiros ("A fé dos quais imitai")

Carlos Alves

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.



Eliseu Alves

Ancião da Igreja Evangélica em Oliveira do Douro

Passaram já quatro meses que partiu! O vazio que sentimos, insiste em permanecer e temos dificuldade em colmatar!

Deixou-nos tanto de si, e também levou consigo, um pouco de nós. Vivemos um pouco como autómatos num universo quotidiano que nos parece fazer menos sentido sem a sua presença agregadora.

Percebemos melhor do que nunca, a importância da comunidade e o sentido gregário de família.

Revisitamos o texto do pregador em Eclesiastes e todas aquelas palavras ganharam uma nova autenticidade.

Quando me pediram para escrever um artigo sobre o meu pai hesitei entre um registo formal e triunfalista e um registo mais pessoal e intimista. Optei pelo segundo!

Correndo o risco de ser incompreendido, ou até mal interpretado, que se dane, afinal de contas estou a escrever sobre o meu Pai, a testemunhar do homem mais importante da minha vida, que sempre caminhou ao meu lado e que ainda caminha todos os dias.

Vou-me apercebendo paulatinamente, da dimensão e importância da sua vida!

Os testemunhos vão chegando a conta-gotas! Uma passagem lida em Isaías que fez despertar uma causa sagrada materializada, na atualidade, numa comunidade de fé; um casal de namorados que se abeirou no fim de uma conferência, testemunhando um encontro pessoal com Jesus, através do meu pai, em

momentos destintos; uma oração num supermercado; um livro aconselhado; uma oferta sacrificial; uma noite de acampamentos...

Sinto-me esmagado perante o gigantismo da sua fé e a autoridade do seu testemunho!

Se me pedissem para escolher o maior legado que nos deixou, optaria pela sua autoridade moral!

A sua conduta pautou-se por uma integridade irrepreensível. A lisura, a honradez, a seriedade e a decência foram traços que nortearam a sua forma de ser e estar neste mundo! O meu pai foi sempre um homem inteiro.

Amava profundamente a Deus e viveu para Ele até ao último suspiro!

Dados biográficos

Quando nasceu a 21 de abril de 1934, na freguesia de Valadares, nada nem ninguém poderia supor a dimensão social e espiritual que a sua existência iria ter na vida de tantos.

Morgado de cinco irmãos, viu-se impossibilitado de prosseguir os estudos embora fosse um dos melhores alunos do professor Pires Veloso. O escasso orçamento familiar e a ausência de apoios sociais, num estado corrupto e pouco esclarecido, pronunciavam um futuro pouco prometededor para o juvenzinho Carlos.

Mas Deus tinha outros planos!

Joaquim Ferreira Alves, seu pai, pagava para carregar o andor em dias de procissão. Incitado pela vizinhança, saiu de casa um dia, para



expulsar os protestantes que teimavam em cultivar no largo da estação de Valadares. Este tipo de manifestações públicas levadas a cabo pelo missionário Eric Barker, eram frequentadas, não apenas por simpatizantes, mas também por incitadores à violência e, não raras vezes, os agentes da P.I.D.E., marcavam presença.

Ironia do destino, o perseguidor tornou-se perseguido. A palavra tocou o avô Joaquim e o largo da estação, transformou-se na sua estrada de Damasco.

Com 15 anos de idade (1949), o jovem Carlos, ganhou o primeiro prémio das escolas dominicais da Foz, Alumiara e Vilar do Paraíso, com 1672 versículos memorizados e recitados nesse ano (esta disciplina de memorização bíblica foi-lhe extremamente útil ao longo de todo o seu ministério).

Aos 21 anos dedicou-se ao estudo da Palavra e ao ministério da pregação. Contraíu matrimónio com Maria Vitória Macedo a 7 de fevereiro de 1959, na Casa de Oração de Ovar. Viriato Dias Sobral, foi o celebrante e Eric e Beryl Barker, os padrinhos de casamento.

Mandatados pela igreja local, a 31 de maio de 1965, partiram como missionários a tempo integral, para a ilha Terceira no arquipélago dos Açores, fixando morada na canada Maria João e passando a ministrar nas comunidades de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória (Juncal).

Em Julho de 1967, regressaram ao continente, passando a exercer o seu ministério nas comunidades do norte e centro e fazendo trabalho evangelístico e de visitação nos hospitais e nas cadeias prisionais da Cordoaria, St^a Cruz do Bispo, Custóias e Central, em Santo Tirso.

Colaborou igualmente no ministério de acampamentos, primeiro em Esmoriz e mais tarde no Palhal. Juntamente com Arnold Doland, dirigiu os destinos da Livraria Esperança na rua de Cedofeita, no Porto, durante mais de duas décadas. Local não apenas de venda de livros cristãos, mas também de encontro e reunião.

Participou na realização e direção dos Congressos de Páscoa, no salão nobre da Piscina de Espinho, nos anos 70.

Foi incansável na proclamação da Palavra. Orava com as pessoas e pelas pessoas em locais públicos, falava com todos, sem exceção, da sua grande paixão, que era Jesus.

Desfruta na glória, a presença do Seu Senhor. A nós resta-nos estas boas memórias e a responsabilidade de continuar esta Boa Obra.

A Deus toda a Glória





Dossier Obreiros ("A fé dos quais imitai")

Tributo ao irmão Carlos Alves

Quando eu nasci em 1965, os meus pais ainda não conheciam Jesus como Salvador e Senhor e quando eu tinha quase um ano de idade fomos morar para a vila de Valadares. Quam morava na casa ao lado era a família Alves.

Em algumas ocasiões, a irmã Vitória áa a nossa casa para costurar algumas peças de roupa na máquina de costura que a minha mãe tinha e aproveitava essas oportunidades para lhe falar de Jesus. Enquanto isso, eu e o meu irmão brincávamos com os nossos vizinhos, os filhos do casal Alves nos tempos livres. Em muitos desses momentos, ouvíamos o irmão Carlos tocar viola e gostávamos muito.

Quando o irmão Carlos teve um acidente e partiu as pernas, o meu pai ía ajudar aquela família e havia sempre oportunidade de ouvir o evangelho. Havia algo muito interessante que eles faziam à noite - chamavam-lhe "culto doméstico" e eu e o meu irmão assistíamos de vez em quando. Gostávamos muito de ouvir aquelas músicas especiais e principalmente as histórias acerca de Jesus. O casal Alves acabou por, mais tarde, pedir aos meus pais para nos deixarem ir à Escola Dominical na Igreja Evangélica de Valadares. Começou por ir apenas o meu irmão pois era mais velho do que eu, mas logo após os meus pais e eu também fomos. Os meus pais converteram-se ali num culto evangelístico.

Lembro-me que numa noite lá em casa da família Alves, depois de ouvir acerca de Jesus e do que Ele tinha feito na cruz do Calvário por mim, eu pedi que Jesus entrasse no meu coração. Como era um pouco tímida, não o fiz em voz alta mas no silêncio do meu coração.

Assim foi a caminhada da nossa família até aos pés do Senhor Jesus através do testemunho e acção do irmão Carlos Alves e sua esposa. Desde então o Senhor tem feito grandes coisas nas nossas vidas e damos graças a Deus pela família Alves ter partilhado conosco o evangelho da Salvação que há em Cristo Jesus. Que isto seja um incentivo para todos nós. Quer aos vizinhos, quer aos amigos, quer à família, não fiquemos calados! Façamos pelos outros o que alguém também fez por nós! Partilhemos o que de mais importante aconteceu nas nossas vidas.



**Elisabete
Casmarrinha**

Membro da Igreja
Evangélica em Rocha Nova



Dossier Obreiros ("A fé dos quais imitai")

João Varandas

Uma vida longa, vivida ao serviço do Senhor

Este é o sentimento castrador que me atormenta ao ter de falar numa vida tão profícua, mas, querendo sempre o nosso irmão enaltecer e louvar o Senhor do servo em detrimento do endeusamento do servo do Senhor, **não** "irei contra o que devo" e "serei breve".

João Henrique Figueiredo Varandas nasceu no dia nove de Outubro de 1931, tendo nascido no mesmo dia de Olinda, a qual viria a desposar.

Sendo natural de Pedrogão Grande, meses após o seu nascimento, foi com seus pais para Lisboa, para auxiliar os pais de Olinda. O seu primeiro trabalho foi o de sapateiro, tendo exercido essa mesma arte ainda em casa do irmão Figueiredo, em Vila Nova do Ceira, não sendo "pesado" no sustento como convém ao servo fiel.

Cumpriu, durante três anos, o serviço militar na marinha, no qual granjeou, pela graça de Deus (como sempre testemunhou), um imaculado registo para a sua caderneta militar.

Convertiu-se ao Senhor em 1951 através de uma mensagem de edificação dada pelo irmão Frank Smith, na casa de oração situada na Av. Sá da Bandeira, em Coimbra. O nosso irmão referia frequentemente a sua admiração pela onisciência divina ao ser usada uma mensagem de edificação e não de evangelização para a sua conversão; mas na Sua sabedoria, Deus revelou-se tão intensamente naquela pregação que, após o culto, João Varandas foi para uma rua sossegada chorar diante do Senhor, confessando e arrependendo-se dos seus pecados.

Casou-se com a nossa irmã Olinda no dia quatro de setembro do ano de 1955. "Nascemos no mesmo dia e casámos no mesmo dia", dizia jocosamente o nosso irmão.

Sentindo a chamada do Senhor, o casal foi separado para a obra pela igreja de Coimbra. Foram colaborar com o casal João e Lucinda Figueiredo, já antes separados para a obra pela igreja de Coimbra, sendo acolhidos como cooperadores e coabitantes da mesma habitação terrena, por parte do casal Figueiredo.

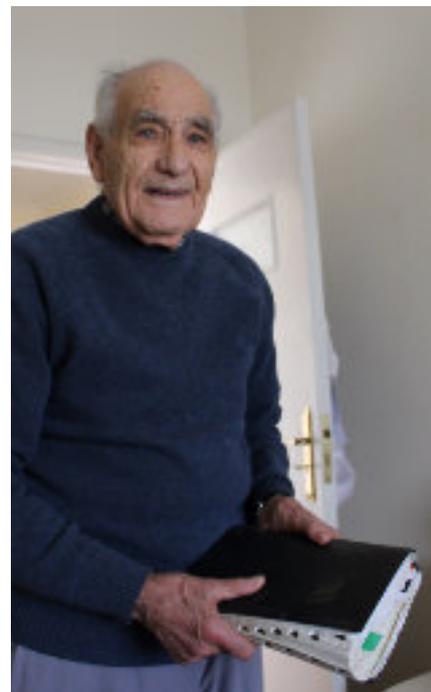
Posteriormente, foram residir para Pinheiro Bordalo, concelho de Pedrogão Grande, onde nasceu o primeiro filho.

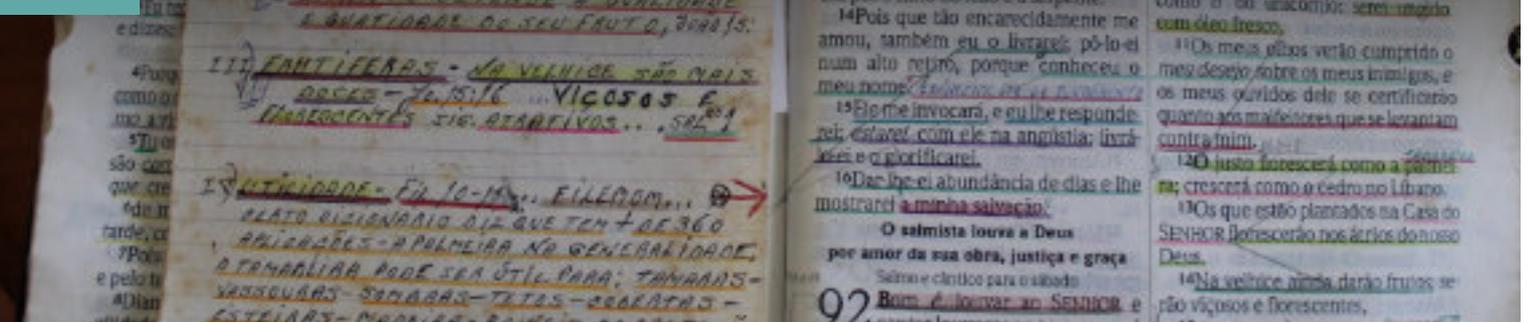
O campo de trabalho era duro; a oposição do povo ao evangelho era tremenda. Foram perseguidos e apedrejados, tendo mesmo de recorrer à proteção institucional da Guarda Nacional Republicana em Vila Facaia. A população instigada pelo pároco local, intentou estrategicamente e orquestradamente contra a o ministério dos nossos irmãos, mas a obra é do Senhor. De tal forma maquinavam maquiavelmente que, incendiaram uma capela com propósito incriminatório para o casal, ficando os nossos irmãos sobre a alçada da P.I.D.E. e tendo de responder em tribunal sobre esta acusação. Após inquirição do nosso irmão Frank como testemunha abonatória, o caso acabou por ser encerrado. Ainda tiveram uma audiência com o presidente da Câmara de Castanheira de Pêra que, ufanamente, se constituiu como autor moral e mandatário, da oposição movida ao casal.



Marino Marques

Ancião na Igreja Evangélica em Coimbra





Mas a misericórdia do Senhor
é de eternidade a eternidade,
sobre os que o temem,
e a sua justiça
sobre os filhos dos filhos.

Salmos 103:17



Mais tarde, os nossos irmãos mudaram a sua residência para a Mealhada, onde nasceram os outros dois filhos.

Já em Coimbra, continuou a tempo integral ao serviço do Mestre, socorrendo-se de todos os meios possíveis para dar continuidade ao seu ministério, espalhado em inúmeras localidades; recordava que os seus primeiros meios de transporte foram: bicicleta a pedais, ciclomoto, mota, Citroen 2 cavalos...

Chamou o Senhor à Sua presença, em março de 2019, a sua querida esposa Olinda, da qual, reiteradamente e carinhosamente retirava o "O" do nome.

Após o decesso da irmã Olinda, João Varandas viveu sozinho na sua residência, na companhia do Senhor e com o apoio do filho. Nesta fase, permitiu o Senhor que o nosso irmão sofresse uma queda, tendo fraturado uma perna.

Foi hospitalizado e operado. Em plena época de disseminação viral do SARSCOV2, contraiu COVID19, à qual o Senhor concedeu que resistisse e ultrapassasse, mas por todas estas vicissitudes, ficou obrigado a fazer fisioterapia, tendo sido institucionalizado num lar de terceira idade, onde não era permitida a visitação presencial em virtude das exigências impostas pela pandemia. Dali, o Senhor o chamou à Sua presença, com a idade de 89 anos no dia 14/1/2021.

Tivemos o privilégio de termos convivido, comungado e crescido com um servo verdadeiro que no domínio espiritual, sempre demonstrou fidelidade à Palavra de Deus, quer na sua vivência quer no seu ministério, nos estudos bíblicos como nas pregações, usando muitas vezes a recomendação de Paulo a Timóteo: "Prega a Palavra", sempre com a preocupação de não parar de crescer na "graça e conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo". A sua preparação, crescimento e cultura espiritual ficou a dever-se em grande parte à sua persistente dedicação ao estudo da Palavra de Deus. João Varandas foi, como ele próprio se intitulava, um autodidata, mas com o Mestre supremo!

O nosso irmão João Varandas exerceu o cargo de presidente da Corporação Evangélica durante vários anos. Colaborou em retiros espirituais, acampamentos sendo mesmo convidado para exercer o ministério da Palavra nos EUA, a convite de irmãos lá emigrados. Sempre se mostrou disponível para o Serviço do Senhor, qualquer que fosse a sua vertente.

Muito mais haveria para revelar sobre o ministério de João Varandas mas, na incapacidade de o descrever por limitação de espaço e de proficiência linguística, testemunho que as marcas deixadas pelos nossos irmãos João e Olinda, são marcos demonstrativos da obra que os servos de Deus podem deixar neste mundo, quando se dispõe a ser realmente servos e espelhos da glória de Deus.

"E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas" - Romanos 10:15



Dossier Obreiros ("A fé dos quais imitai")

Até breve avô...

O legado e o exemplo de vida que me deixou o meu avô

**Ana Rita
Varandas**

Membro da Comunidade
Cristã em Albergaria

O exemplo familiar

Nas férias escolares ia muitas vezes para casa dos meus avós e era lá que eu sentia a paz que em mais lado nenhum conseguia sentir. O amor com o que o meu avô cuidava da família, transmitia-me um conforto e uma segurança que me marcaram para sempre. O abraço forte e seguro, as palavras sempre certas, a abnegação com que fazia as tarefas domésticas para que a minha avó pudesse ter mais tempo para brincar connosco, a forma determinada e firme mas também terna com que ralhava quando era necessário. A paciência, o olhar doce e o tempo que tinha para responder a todas as minhas perguntas. E a habilidade com que arranjava os meus sapatos! O meu avô, pelo menos para mim, sabia tudo e sabia fazer tudo.

O exemplo espiritual

Após ser reconhecido na Marinha pelo seu serviço com o prémio de bom comportamento, o meu avô tinha pela frente aquilo que parecia ser uma carreira promissora. No entanto, precisamente nessa altura, optou pelo caminho mais difícil mas também o mais excelente. Falava sempre com grande alegria, de como ia de motorizada, de dia ou de noite, ao sol ou à chuva, para falar da boa nova em tantos lugares diferentes. Poucas vezes falou das dificuldades e das perseguições.

De manhã bem cedo, quando eu acordava, já estava a ler a bíblia e a meditar, as suas convicções espirituais eram inabaláveis e o amor que tinha por Deus faziam os seus olhos brilhar.

O exemplo como pessoa

O meu avô era, como qualquer um de nós, humano e sujeito às mesmas falhas, problemas, dificuldades e dureza da vida. O mesmo homem que amou incondicionalmente a mulher da sua vida, assistiu impotente ao divórcio dos filhos. E mesmo que nem todas as suas questões tenham tido resposta em momento algum ele vacilou ou duvidou. Sempre os amou e incondicionalmente dizia: "O Senhor sabe todas as coisas".

Todas essas dificuldades, problemas e certamente lágrimas e tristezas não abalaram as suas convicções e princípios. O meu avô construiu a sua casa sobre a Rocha.

Era um homem sábio, com cultura, sentido de humor, harmonioso e meigo. O meu avô gostava de ver futebol quando os filhos e netos o desafiavam, fazia boa companhia e resistia até tarde, sempre bem disposto, quando fazíamos as reuniões e convívios familiares pela noite dentro.

Gostava muito de conversar e uma das vezes lembro-me de uma desconhecida chorar após o ouvir falar da sua Olinda. Ele tocava as pessoas, porque as suas palavras eram acompanhadas de conteúdo e emoção.

O exemplo de vida

Acho que o que mais me marcou foi o amor com que o meu avô amou a minha avó e mesmo depois dela morrer era notório que ele continuava a amá-la, com saudade, mas com a alegria e a felicidade da vida que partilharam.

Talvez por ter crescido numa família com pais separados eu via nesse amor precisamente aquilo que queria para mim. Orava e desejava ter um dia um marido que fosse como o meu avô. No dia que me casei, o meu avô abraçou-me, olhou-me nos olhos e disse-me: "Ritinha, o casamento não é para seres feliz mas é para fazeres o teu marido feliz."

E não o disse de ânimo leve, aquela era precisamente a experiência dele.

Eu sei, porque o meu avô me disse, que ele olhava para a mim e para a minha família como uma continuidade da dele. É esse o legado que ele me deixa e é esse o exemplo que eu quero seguir.

O meu avô era amor, lealdade, serviço, justiça, dedicação. Ele é um dos maiores exemplos que tive, uma das minhas maiores inspirações para a forma como quero viver.

Obrigado avô, por me teres ensinado que o amor transforma.

Até breve avô!



Dossier Obreiros ("A fé dos quais imitai")

Ivan Fletcher



John Fletcher

Músico



Lydia Fletcher

Artista gráfica

Ivan Alfred Fletcher, nasceu a 3 de junho de 1933 perto de Liverpool, em Inglaterra. Ivan foi o terceiro de quatro irmãos que cresceram durante a Segunda Guerra Mundial.

Com o objetivo de fugir aos frequentes bombardeamentos a que estavam sujeitos na Inglaterra, toda a família mudou-se para Inverness no norte da Escócia quando Ivan tinha 6 anos de idade. Foi aí que cresceu e se tornou um jovem. O seu interesse era jogar futebol e prosseguir uma carreira desportiva. Não tinha interesse em estudar, e apesar de ter crescido numa família cristã, também não tinha interesse em seguir a Cristo, nem fazer a sua vontade.

Aos 17 anos de idade entregou a sua vida a Cristo e decidiu ser batizado. Foi então, ao terminar a escola secundária que, para grande espanto de toda a família, decidiu ir para a universidade estudar engenharia electrotécnica. Entrou na Universidade de Glasgow e durante esse período colaborou com a organização Christian Union (em Portugal conhecido como Grupo Bíblico Universitário), e colaborou também na Billy Graham's Glasgow Crusade

(campanha evangelística de Billy Graham em Glasgow no ano de 1955 <https://www.youtube.com/watch?v=ftLWfmFdMrc>). E foi durante o tempo em Glasgow que Ivan sentiu a chamada para servir a Deus levando a boa notícia do evangelho fora do Reino Unido.

Assim que terminou os estudos, Ivan começou a trabalhar como engenheiro numa fábrica em Coventry, em Inglaterra. Mas no início da década de 1960 despede-se do seu estável e bom emprego e vem para Portugal com um objetivo muito claro, aprender Português para depois ir para Angola partilhar o evangelho e servir.

Impossibilitado de ir para Angola devido à guerra que rebentou nessa altura, ficou em Portugal, e conheceu Olivia Ribeiro com quem casou e teve 3 filhos. E por razões profissionais foram viver para a zona de Setúbal e Azeitão. Mais tarde Ivan decidiu naturalizar-se Português, e em tom de brincadeira dizia aos filhos que era mais Português que eles porque tinha escolhido a nacionalidade :-)

Quando decidiu vir para Portugal, Ivan optou por seguir o exemplo do Apóstolo Paulo e ser um

“fazedor de tendas”, obtendo da sua profissão o seu sustento, enquanto se dedicava a pregar o evangelho. E Trabalhou muito para sustentar a família e o propósito de evangelizar. Quando chegou a Portugal, começou por ensinar Inglês a marinheiros na Base Naval do Alfeite, foi professor de ciências na Escola Americana em Cascais, professor de Matemática no ensino secundário na Escola São Julião em Setúbal (Escola Comercial), e desde 1975 até se reformar da sua vida ativa como professor, foi professor de Engenharia Eletrotécnica no ISEL. Na sua despedida do ISEL (em 2003) deu uma palestra aberta a todos os que quisessem assistir, sobre a história da ciência e como podemos ver Deus na ciência.

Os seus colegas respeitavam-no como pessoa, como professor e como cristão. Partilhou a sua vida e fé com os seus colegas professores e funcionários enquanto trabalhou com eles, e mesmo depois de se reformar conviveu com eles participando dos jantares do ISEL, tornando-se no professor mais antigo a participar nesses eventos, até que as medidas restritivas da atual pandemia puseram em causa tais eventos.

Procurava investir e alimentar o seu relacionamento com Jesus diariamente através

da oração e leitura. E assim adquiriu o hábito de seguir um método de leitura da Bíblia em que o conjunto das suas leituras diárias o levavam a ler uma vez todo o Velho Testamento e duas vezes o Novo Testamento, ao longo de cada ano. O tempo dedicado à leitura e estudo bíblico proporcionaram-lhe conhecer muitos versículos de cor, nos quais meditava ao longo do dia, e enquanto dava passeios por Vila Nogueira de Azeitão.

Fruto da sua dedicação, leitura e busca por ensino e discernimento do Espírito Santo para compreender a palavra de Deus, adquiriu um profundo conhecimento da Palavra de Deus, e desenvolveu o dom de pregação expositiva e estudo Bíblico, conseguindo explicar a Bíblia e conversar com todos, independentemente do grau de conhecimento, intelectualidade e literacia de cada um.

Quando se mudaram, com os seus filhos, para Azeitão em 1973, Ivan e Olívia foram surpreendidos por crianças a bater à porta de manhã cedo no dia 1 de Novembro a pedir “pão por Deus”. Tradição essa desconhecida para Ivan e com a qual Olívia já não convivia há muitos anos. Assim, sem doces ou guloseimas para oferecer, em jeito de improviso, convidaram





todas as crianças que batiam à porta, a voltar à tarde em hora determinada, pois teriam algo para elas. Várias voltaram à hora marcada, e para além de algo para comer, foram recebidas com uma história Bíblica para crianças contada por Ivan e Olívia acompanhada por ilustrações da Olívia (que era artista e retratista). E este foi o primeiro de vários encontros que se tornaram em classes regulares em sua casa, com histórias Bíblicas para crianças. Trabalho esse que cresceu e veio anos mais tarde a dar origem ao Centro Bíblico de Azeitão.

Muitos que conheciam Ivan de perto consideraram-no como tendo sido manso e humilde, e alguém que fez tudo o que estava ao seu alcance para servir.

Prestou sempre contas só a Deus, mas colaborou com todos os que pôde. E o fruto do seu trabalho é visível a muitos, em Azeitão onde viveu, na faculdade onde ensinou e em várias comunidades por onde passou. Começou uma Igreja Local em Azeitão e outra em Santo André, apoiou muitos outros trabalhos como por exemplo: Sines, Feijó, Amoreiras, entre outros, e serviu nos Acampamentos Bíblicos de Palhal e Centro Bíblico de Esmoriz, na Aliança Evangélica Portuguesa, Instituto Bíblico Português, Grupo Bíblico Universitário, União Bíblica, CIIP, entre outros, apenas para citar alguns, mas acima de tudo andou com Deus, meditando na sua palavra e servindo de testemunha a toda a comunidade.

O seu espírito partiu para o Senhor no dia 1 de Fevereiro 2021 enquanto descansava na sua cama, e deixou aqui o seu corpo usado e gasto. Ele estava pronto para partir e estar com Cristo, e preparou-nos a todos o melhor que pôde para isso. O seu desejo era que todos possamos conhecer e ser transformados pela boa notícia de Jesus, não para sermos como ele foi, mas para que possamos ser como Deus quer: que tenhamos paz com Deus, vivamos eternamente com Deus no céu, e enquanto estamos aqui na terra possamos ter um relacionamento com Deus, honrar e louvá-lo, e possamos abençoar os outros à nossa volta... como Deus quer.

A melhor forma de darmos honra e respeito ao Ivan é prestarmos atenção a esta profunda mensagem do evangelho e partilhar esta boa notícia, a mais profunda história e exemplo de amor, em que o amor não é um sentimento, mas sim uma decisão e uma pessoa: Jesus.



Dossier Obreiros ("A fé dos quais imitai")

Manuel Ribeiro

Um servo bom e fiel

Há uns dias atrás os anciãos e os crentes das oito igrejas da Bairrada, surpreenderam o seu pai espiritual e nosso amado irmão Manuel Ribeiro, no templo de Sangalhos, pelos seus 90 anos de vida e 60 anos de pregação e ensino bíblico, entre eles.

Houve um almoço comunitário e da parte da tarde cânticos, testemunhos e palavras de muito carinho para este querido irmão e sua dedicada esposa.

Este casal foi separado para a Obra, da igreja de Ovar para Sangalhos, onde alugou uma casa para viver com a sua numerosa família, e um salão para a pregação do Evangelho. O tempo foi passando e igrejas foram-se abrindo sendo oito as que se mantêm: Sangalhos, Silveiro, Perrães, Moita, Mamodeiro, Paredes do Bairro, Aveiro e Anadia, todas com casa própria, menos a última. Um verdadeiro milagre do Senhor.

A vida deste servo fiel, não foi fácil. Sustentou uma família de 12 filhos, perdeu amigos, ministrou a oito igrejas, tomou a responsabilidade da Convenção Beira-Vouga, muitas lutas e lágrimas ao tomar a posição contra falsos ensinos.

Sempre tive boa comunhão com este bom servo do Senhor e, ao participar desta carinhosa homenagem destes seus discípulos, o meu apelo é que continueis assim firmes no caminho da fé.

Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz, e o Deus de amor e de paz, será convosco. II Coríntios 13:11



Carlos Alves

Obreiro e fundador
do Refrigério



Dossier Obreiros (“A fé dos quais imitai”)

O seu testemunho permanece!



Sandra Lourenço

Membro da Igreja
Evangélica em Sangalhos



A galeria dos heróis da fé na epístola aos Hebreus consegue transportar-nos a cada página da História bíblica, despertando em nós um alento redobrado, na nossa própria caminhada cristã. Sabemos que nenhum daqueles servos moveu um só dedo sem a provisão do Senhor e cada conquista foi fruto de uma confiança e dependência totais no Todo Poderoso. Mas, se o testemunho dos nossos irmãos da antiguidade nos inspira, comove e motiva, de igual modo o exemplo dos que nos antecederam num passado mais recente, deve suscitar em nós o desejo de servir mais e melhor o nosso Deus!

Um desses servos fiéis foi o Irmão Manuel Ribeiro, cujo trabalho incansável, sobretudo região bairradina, deixou um legado de fé e fidelidade.

A história deste homem, contudo, não começou na Bairrada...

Decorria o final da primeira metade do século XX e o jovem Manuel Ribeiro era um chefe de família e trabalhador ferroviário. Crescera, como a esmagadora maioria dos portugueses de então, educado nos preceitos religiosos tradicionais. De Deus, porém, pouco sabia! Instigado por um colega de trabalho, acaba por aceitar um convite inusitado: ir assistir a um “culto dos protestantes”.

Conversando com a esposa, Maria do Céu, acerca do que fazer ante a insistência daquele colega, esta ter-lhe-á respondido: “Vai! Se gostares, eu irei também!”

O que ouviu naquela noite estava além de tudo o que conhecia ou poderia imaginar encontrar ali: ouviu falar da Bíblia, a que o pregador chamava a “Palavra de Deus”. A sede de conhece-la mais, levou-o a pedir ao seu amigo que lhe mostrasse na Bíblia os dez Mandamentos. O amigo trouxe-lhe uma Bíblia emprestada, com uma folha de jornal por marcador, assinalando o capítulo vinte de êxodo. Manuel leu. Sabia que a sua vida muito contrariava aquela lei de Deus. Percebeu que era Seu inimigo, porque as suas ações eram a clara oposição à Sua vontade! Nessa noite, um Manuel em lágrimas caía ajoelhado aos pés da sua cama, rogando o perdão

divino. No Céu houve festa, porque um pecador se arrependia! O seu testemunho e o abandonar de todas as práticas pecaminosas de antes, terão contribuído para que também a sua esposa se rendesse a Cristo. Contudo, esta mudança de vida não agradou a todos e a perseguição começou dentro da própria família. A sua mãe recebeu-o de faca em punho, numa das suas visitas regulares. Estava disposta a mata-lo, mas uma parede invisível parecia separar mãe e filho. O anjo do Senhor protegia este irmão! A faca caiu-lhe da mão e as palavras cessaram. Durante meses, não lhe falou, anda que o irmão Manuel insistisse em continuar as suas visitas regulares. Mais tarde, também ela se renderia a Jesus.

Nos primeiros anos da década de 50, Manuel Ribeiro, Maria do Céu e oito filhos chegavam a Sangalhos. “Mais uma miséria” para a localidade, diziam alguns. Gente influente procurava aniquilar à nascença o projeto de iniciar a pregação pública do Evangelho naquela localidade. Depois de muito esforço e oposição, finalmente foi possível alugar o espaço e os cultos tiveram início no dia 9 de Março de 1954. Durante um ano, o Irmão Manuel pregou apenas para a sua família. Fosse por medo de represálias, desinteresse, desinformação, certo é que nem um só cidadão do lugar entrou para ouvir a mensagem. Mas, depois desse tempo, a curiosidade e a sede de muitos sangalhenses levou-os a encher o salão de cultos. Se para muitos o entusiasmo da novidade se esfumou rapidamente, outros tantos permaneceram, pois encontraram a Verdade que é Cristo!

Volvidos 67 anos e tendo o nosso amado irmão partido para o Lar há tão pouco tempo, resta-nos render louvor e honra ao Senhor que, através de um vaso frágil e imperfeito, realizou a Sua obra e trouxe salvação ao povo bairradino.

Para este irmão a carreira terminou, depois de travado o bom combate, sempre mantendo a fé inabalável!

O nosso irmão Manuel já não está connosco fisicamente, mas o seu testemunho permanece! Eu sou fruto dele!

A Deus toda a glória agora e sempre!

A Páscoa que Jesus celebrou

(1ª parte)

I. O relato bíblico da Páscoa no Velho Testamento

A Páscoa foi uma cerimônia religiosa e cultural estabelecida por Deus por volta do ano 1.500 a.C.¹, quando da libertação do povo hebreu após um período de longa escravidão no Egito², que deveria ser celebrada a partir do décimo dia do mês de Nisã³, conforme a descrição presente no capítulo 12 do livro de Êxodo:

Êxodo 12, 1-20 (ARA)⁴:

1 Disse o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito: 2 Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano. 3 Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família. 4 Mas, se a família for pequena para um cordeiro, então, convidará ele o seu vizinho mais próximo, conforme o número das almas; conforme o que cada um puder comer, por aí calculareis quantos bastem para o cordeiro.

5 O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; podereis tomar um cordeiro ou um cabrito; 6 e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde. 7 Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem; 8 naquela noite, comerão a carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão. 9 Não comereis do animal nada cru, nem cozido em água, porém assado ao fogo: a cabeça, as pernas e a fressura. 10 Nada deixareis dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis. 11 Desta maneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis à pressa; é a Páscoa do Senhor. 12 Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor. 13 O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei



**Hendersen
Neumann**

Obreiro na Igreja Evangélica
em Coimbra

¹ Trata-se de uma estimativa de data, levando em consideração a dificuldade na datação de diversos eventos bíblicos.

² Êxodo 12, 40.

³ Nome do primeiro mês do calendário dos Hebreus, anteriormente denominado Abibe. O calendário hebreu baseava-se na observação dos ciclos lunares e solares. A Páscoa se comemorava na primeira lua cheia da primavera, sendo uma data móvel situada entre os meses de março/abril no calendário gregoriano.

⁴ Versão Almeida e Atualizada Corrigida (ARA), Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito. 14 Este dia vos será por memorial, e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. 15 Sete dias comereis pães asmos. Logo ao primeiro dia, tirareis o fermento das vossas casas, pois qualquer que comer coisa levedada, desde o primeiro dia até ao sétimo dia, essa pessoa será eliminada de Israel. 16 Ao primeiro dia, haverá para vós outros santa assembleia; também, ao sétimo dia, tereis santa assembleia; nenhuma obra se fará nele, exceto o que diz respeito ao comer; somente isso podereis fazer. 17 Guardai, pois, a Festa dos Pães Asmos, porque, nesse mesmo dia, tirei vossas hostes da terra do Egito; portanto, guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo. 18 Desde o dia catorze do primeiro mês, à tarde, comereis pães asmos até à tarde do dia vinte e um do mesmo mês. 19 Por sete dias, não se ache nenhum fermento nas vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado será eliminado da congregação de Israel, tanto o peregrino como o natural da terra. 20 Nenhuma coisa levedada comereis; em todas as vossas habitações, comereis pães asmos.”

Por meio da Páscoa, Deus possibilitou aos hebreus lembrarem, a cada ano, as miraculosas intervenções divinas que favoreceram os israelitas e os conduziram da escravidão do Egito à liberdade. Tratava-se não somente de uma festa ou memorial, mas de uma data litúrgica, de um momento de culto destinado ao louvor e adoração a Deus pelos hebreus, que deveriam celebrar, solenemente, o fato de que Deus havia

cumprido a promessa⁵ de libertar o seu povo do cativeiro. A celebração deveria fazer parte da cultura do povo israelita, como exposto no livro de Êxodo:

Êxodo 12, 25-27 (ARA):

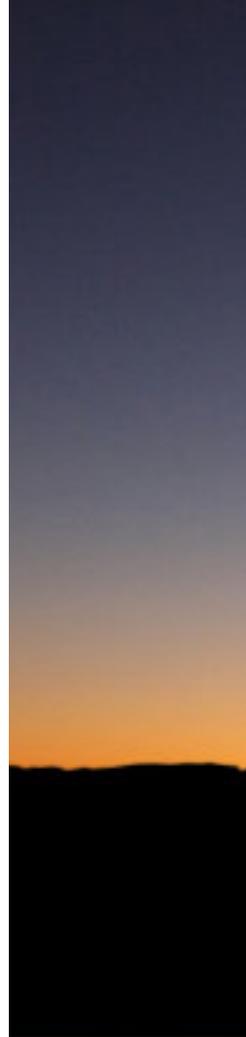
“25 E, uma vez dentro na terra que o Senhor vos dará, como tem dito, observai este rito. 26 Quando vossos filhos vos perguntarem: Que rito é este? 27 Respondereis: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas. Então, o povo se inclinou e adorou.”

2. Como a primeira Páscoa foi celebrada

A primeira Páscoa foi celebrada no dia 14 do mês de Nisã, em obediência aos comandos divinos recebidos por Moisés (Êxodo 12, 6). Os preparativos para a celebração, contudo, tiveram início no dia 10 de Nisã, momento em que cada família hebraica teve que separar um cordeiro ou cabrito sem mácula, para ser sacrificado no dia 14 (Êxodo 12, 3-6). Na tarde do dia 14 de Nisã, o cordeiro pascal deveria ser morto e o seu sangue colocado nas ombreiras e na verga das portas das casas dos hebreus (Êxodo 12, 7), sinal que serviria como um livramento do juízo a ser exercido por Deus em face dos primogênitos da terra do Egito (Êxodo 12, 12-13).

Embora a referência ao sangue do cordeiro seja de especial importância para a Igreja cristã, posto que a revelação especial concedida pelo Novo Testamento nos permite vislumbrar, no cordeiro pascal, um sacrifício que aponta para a obra de Cristo na cruz,

⁵ Genesis 15, 12, 14 (ARA): “12 Ao pôr do sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram; 13 então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. 14 Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas.”





como cordeiro de Deus imaculado, outros elementos presentes no cerimonial da festa são relevantes para compreendermos a Páscoa dos hebreus. Além do cordeiro cozido no fogo, que deveria ser consumido por toda a família, também compunham a refeição pascal os pães asmos (sem fermento), diante da inviabilidade de se aguardar o processo de levedura da massa em um contexto de iminente fuga dos hebreus do Egito. As ervas amargas, por sua vez, simbolizavam o sofrimento experimentado durante o longo período de escravidão na terra do Egito (Êxodo 12, 8).

Ainda motivado pelo contexto de fuga iminente, os hebreus deveriam comer apressadamente a Páscoa, vestidos e com os sapatos nos pés e cajados nas mãos, preparados para a longa viagem que enfrentariam. Por fim, a comida que sobrasse deveria ser queimada na manhã do dia seguinte (Êxodo 12, 10), após a passagem do anjo que feriria os primogênitos (Êxodo 12, 11).

3. A Festa dos Asmos

Após a primeira Páscoa, celebrada entre os dias 10 a 14 de Nisã, outra celebração teve início, a denominada Festa dos Asmos, descrita nos livros de Êxodo (capítulo 12, versículos 15 a 20) e Levítico (capítulo 23, versículos 4 a 8). Durante sete dias de celebração (de 15 a 21 de Nisã), os hebreus deveriam se abster de qualquer atividade, exceto a alimentação, sendo proibido o consumo de pães com fermento, ou mesmo manter-se fermento em casa durante a celebração. A Festa dos Asmos ainda era composta por cultos públicos coletivos, devendo todo o povo hebreu se reunir no primeiro e no último dia da festa em “santa convocação”.

4. A Páscoa como celebração anual dos hebreus

O rito de celebração coletiva da Páscoa buscava transmitir uma cultura da fé para o povo, mediante a celebração de uma festa anual de louvor a Deus, de modo a permitir que o texto sagrado pudesse ser ensinado de forma lúdica, para que a fé fizesse parte da cultura do povo. Ao longo dos anos, contudo, a celebração da Páscoa sofreu diversas transformações oriundas da tradição religiosa, acentuadas a partir do ano 500 a.C., que imprimiram uma ritualística diferenciada ao rito tradicional da Páscoa, acrescentando práticas diversas daquelas determinadas na escritura para a celebração da festa. No intuito de apontar tais diferenças, será descrito a seguir o rito cerimonial praticado pelos hebreus no século I d.C., que provavelmente foi observado por Jesus e seus discípulos na Páscoa que celebraram no ano 33 d.C., evento conhecido no cristianismo com a última ceia.

5. A Páscoa no ano 33 d.C.

Uma parte substancial do rito pascal no século I d.C. manteve-se em concordância com as disposições bíblicas. No dia 10 de Nisã, as famílias deveriam separar um cordeiro para o sacrifício pascal, que seria levado ao templo para o sacrifício na tarde do dia 14. Após o sacrifício, o cordeiro deveria ser levado para casa, para ser assado. Além do cordeiro, cada família deveria providenciar para a refeição pascal: a) pães asmos; b) um prato feito com ervas amargas; c) vinho (ausente nas determinações originárias do livro de Êxodo). De 15 a 21 de Nisã, mantinha-se a proibição de consumo dos pães asmos e, nos dias 15 e 21, o povo se reunia no templo para adorar a Deus.



Lucena Pacheco

Maria dos Anjos Lucena da Cruz Pacheco nasceu a 2 de junho de 1944, em São Mamede de Infesta. Começou por ser membro da igreja em São Mamede, até encerrarem as instalações. Tendo depois começado a congregar na igreja em que ainda hoje faz parte, a Igreja Evangélica do Amial. Vive em Canelas, Vila Nova de Gaia.

Conte-nos como conheceu o Senhor Jesus como Salvador? Como se converteu?

Tinha 15 anos, ia fazer 16. Foi no Domingo de Páscoa de 1960 que eu tive pela primeira vez contacto com o Evangelho. O meu irmão Alcino tinha um colega de trabalho que lhe falou do Evangelho. Esse colega levou-o algumas vezes a assistir na Igreja do Alto da Maia e ele falou-nos a nós, os seus irmãos (eu, o Jasmim, o Emílio, o Néelson, o Augusto e o Fernando).

A partir desse dia começámos a assistir assiduamente, primeiramente só à Escola Dominical. Não era fácil, porque nós morávamos no Monte dos Burgos e tínhamos de andar alguns quilómetros até São Mamede. Uns meses depois começámos a assistir, também, às reuniões regulares - à terça, quinta-feira e à reunião da noite de domingo.

Os meus pais nunca nos impediram de estar com a igreja.

Pouco tempo depois de começarmos a ir à igreja, a minha mãe começou a ir connosco, ao domingo. O meu pai, como era uma pessoa mais dura, não ia, mas também não nos proibia. Até que, de uma maneira muito dura, o Senhor o chamou.

Quando o meu irmão Jasmim morreu num acidente, pedimos ao meu pai para nos deixar fazer um funeral Evangélico. Andávamos na Escola Dominical só há cerca de 8 meses (começámos a ir em abril e o meu irmão faleceu em novembro). Mas pedimos ao meu pai para

fazermos um funeral Evangélico, e ele não se opôs. Foi nessa altura, que o meu pai ouviu pela primeira vez o Evangelho e se converteu. Costumo dizer que, a maneira que o Senhor achou para que o meu pai chegasse ao Seu conhecimento, foi levar o meu irmão mais novo. **Sabemos que houve uma altura de perseguição aos Evangélicos, em Portugal. Quando se converteu ainda havia essa perseguição?**

Sim, ainda havia. Lembro-me de uma vez em que fui a um funeral de uma criança, na Póvoa de Varzim, que era de uma família da Igreja de Vila do Conde. Fomos todos apedrejados e não deixaram enterrar a criança no cemitério, porque o padre daquele lugar atçou toda a gente contra os Evangélicos. Esse foi o único episódio desse género mais duro a que assisti.

Como foi a sua infância e juventude? O contexto familiar teve influência?

É difícil falar na minha infância e juventude, porque não foram muito fáceis. A minha mãe estava bastante doente e passava muito tempo internada no hospital. Eu praticamente fui, desde muito nova, a mãe dos meus irmãos. Mas foi talvez por causa disso que eu conheci o Senhor. Ele foi a minha força!

E também encontrei no meio da igreja muitos bons irmãos que nos ajudaram muito. O senhor Barker foi um pilar para mim e para a minha família. Posso dizer que o Senhor apareceu na minha vida e na da minha família precisamente no tempo certo.

Como foi crescer na igreja nesse tempo? Que desafios havia para uma jovem como a Lucena?

Eu acho que foi um tempo fantástico, poder crescer na igreja, num ambiente muito humilde, mas éramos realmente uma família. Lembro, com muitas saudades, aquela entrega que tínhamos ao serviço da igreja e, sobretudo, a união que havia entre nós.



Rute Vivas

Obreira na OM - Operação Mobilização

Ao domingo íamos todos à Escola Dominical e, no fim, íamos sempre almoçar a casa uns dos outros. Sempre que tínhamos de ir a uma Reunião de Jovens, para não andarmos a fazer deslocações, porque vivíamos todos muito dispersos, íamos almoçar a casa uns dos outros.

Era um convívio que não se vê agora. O que um tinha, era de todos. Lembro-me que, no final das Reuniões de Jovens, cada um olhava para os tostões que tinha, para ver se, ao juntar todas as moedinhas, dava para tomarmos um café ou comprarmos qualquer coisa. Naquela altura, o que um tinha era de todos. Era uma entrega uns aos outros e, sobretudo, ao Senhor, que agora não se vê.

Na sua opinião, nessa altura era difícil falar de Jesus?

Não era difícil, porque havia em nós um desejo de que, aqueles que conhecíamos e de quem éramos amigos, conhecessem também o Senhor. Da mesma maneira que alguém tinha falado sobre Jesus a nós, queríamos falar aos outros.

Por exemplo, no local onde morávamos, começámos a falar aos nossos amigos que viviam ali mais perto. Os filhos da família de uma vizinha, que também era uma família numerosa, começaram a ir connosco à Escola Dominical.

Havia vários jovens da nossa idade que se converteram. Porque nós falámos e os levámos connosco à Escola Dominical, alguns ainda hoje estão a servir ao Senhor. Naquela época, as pessoas estavam muito carentes e aceitavam muito bem, quando lhes falávamos do amor do Senhor.

Porque é que nessa altura as pessoas estavam mais carentes do que hoje?

A vida, nessa altura, era muito difícil. Os jovens começavam muito cedo a trabalhar, a terem vidas difíceis, a terem muito pouco em casa para se alimentar. Os pais quase não tinham tempo para os filhos.

Ali, nas redondezas de onde morava, haviam muitas famílias com 5, 6, 7 e 8 filhos. Os pais trabalhavam de sol a sol, as mães tinham de cuidar dos filhos. Por isso, os pais não tinham tempo para dar atenção aos filhos. Então, quando alguém lhes dava um pouco de atenção e lhes falava do amor do Senhor, eram muito mais

abertos, muito mais prontos a receber Jesus.

Esteve no primeiro acampamento realizado no CBE? Conte-nos como foi essa experiência.

Sim, estive no primeiro acampamento e nos seguintes.

O acampamento em Esmoriz começou com o Projeto de acampamento “Mini-Yo-We”, em casa do senhor Doolan, cerca de uns 3 anos antes, em 1967. Era, inicialmente, ao sábado, ao fim da tarde, penso que ou de 15 em 15 dias, ou uma vez por mês. Aí juntavam-se os jovens de Gaia, Porto, Matosinhos e Leça da Palmeira. Tínhamos uma reunião entre todos, depois tínhamos um pequeno lanche, que para nós servia de jantar.

Esse projeto começou para preparar, mais tarde, um campo de férias. A este projeto, juntou-se depois o irmão Mateus, um irmão de Couto de Cucujães e um grupo para procurar um terreno, para que os jovens tivessem um período de férias no verão. Foi então, que através do irmão Garcia, de Esmoriz, apareceu aquele terreno. Eles compraram-no e começaram a edificar.

O primeiro acampamento lá foi em tendas. Chamava-se “Mini-Yo-We”, porque estava relacionado com um ministério no Canadá com esse nome, a quem o senhor Doolan tinha falado do seu projeto para a juventude e eles ofereceram as tendas, para que começasse o Acampamento. Por isso, chamamos, durante muito tempo, de Acampamento Mini-Yo-We, um nome índio, pois tinha a ver com a ajuda dessa organização.

O primeiro acampamento foi só para jovens, por causa das condições do espaço. Esse primeiro acampamento foi muito problemático. Nós, os jovens, andávamos com a dona Alicínia – uma mulher extraordinária na ajuda e preparação – a encher uns sacos de pano com palha, que foram os nossos primeiros colchões no acampamento. Houve uma semana para meninas e uma semana para rapazes, porque as tendas eram poucas. Mas foi extraordinário!

Como descreveria um dia normal nesse acampamento?

Um dia normal no acampamento era acordarmos ao som dos burros dos ciganos que estavam acampados ao lado. Os mosquitos a entrarem por todo o lado. Termos de ir buscar água – a água do acampamento não servia para fazer refeições por ser





férrea.

Tínhamos de formar um grupo, com dois responsáveis por grupo, e tínhamos de ir com vasilhas, grandes e pequenas, à casa de um lavrador que havia junto à passagem de nível, para as enchermos de água. Mas, como era para tanta gente, tínhamos de ir várias vezes para termos água no acampamento. Colocávamos alguidares grandes na saída da cozinha para o pátio traseiro, onde agora é o salão – a estrutura do prédio já havia, mas não estava fechada. Era aí que lavávamos a loiça. Cada um lavava a sua loiça, apesar de também haverem equipas designadas.

Se precisássemos de lavar uma peça de roupa, íamos ao rio. Havia um acesso ao rio, com umas pedras, e íamos lá lavar a roupa. Mas era 5 estrelas!

De manhã tínhamos um devocional, depois íamos para a praia. Quando vínhamos da praia, tínhamos a refeição, seguida de um período de descanso, e fazíamos trabalhos manuais. Lembro-me que fizemos um boneco, um burro, com arame, com perto de 30 centímetros. Lembro-me que o meu irmão Emílio e os rapazes fizeram um trabalho em chapa ou em cobre, um trabalho muito bonito. À noite, tínhamos a reunião com pregação do Evangelho. Foi um tempo mesmo abençoado!

Uma curiosidade: ouvi que algumas daquelas tendas que vemos nas fotografias que estão no CBE, foram desenhadas pelo seu irmão Néelson, é verdade?

Sim, a cabeça do índio, foi o Néelson. O Néelson sempre foi um rapaz que tinha uma apetência extraordinária para o desenho. Para ele foi um gozo fazer aquilo.

Continua envolvida com o CBE? Como?

Eu nunca deixei de estar envolvida com Esmoriz, porque como já disse aquilo foi um projeto que começou quando éramos todos ainda muito jovens. E ainda hoje, a grande maioria dos que ainda estão vivos e fizeram parte daquele grupo, que começou em casa do senhor Doolan (alguns já partiram para o Senhor), sentem-se na obrigação de preservar e ajudar no trabalho. Por exemplo, a família Lisboa, a família Mateus – os mais novos eram pequenitos quando começaram a ir para Esmoriz – e outras famílias que estiveram no projeto, ainda hoje, se sentem na obrigação de preservar o Centro Bíblico.

Eu continuo, dentro dos possíveis, envolvida. Durante muito tempo, enquanto solteira, sempre estive lá ou como chefe de camarata ou a ajudar onde era necessário. Depois, naquele período em que estive ligada ao Banco Alimentar, sempre arranjavamos frescos e fruta para o Acampamento.

Também pertenci à direção do Acampamento e

ao Grupo de Senhoras que faziam os Congressos. Era eu que levava os grupos de jovens e crianças da igreja do Amial que iam para lá. Lá da igreja, arranjavamos sempre maneira de ajudar com os custos para que essas crianças fossem todas para o Acampamento. Sempre me envolvi no trabalho entre a Igreja e o Acampamento.

Tem também um trabalho na área social, como uma extensão da igreja do Amial. Diga-nos como funciona e que impacto tem na comunidade.

Houve um período, há alguns anos atrás, em que a Igreja no Amial passou por uma fase muito complicada. Havia muitas pessoas desempregadas e pessoas com muitas necessidades. Uma vez, em conversa com a minha filha Elvira, estávamos a falar de que maneira podíamos fazer alguma coisa naquela situação de tanta necessidade.

Nessa altura, começámos a ouvir falar no Banco Alimentar e começámos a pensar como lhe podíamos pedir ajuda. Procurei uma maneira e consegui encontrar o número de telefone do Banco Alimentar. Telefonei para lá para saber o que se podia fazer. Marcaram-nos uma entrevista e fomos lá - eu e a Elvira. Falámos com o responsável naquela altura, o senhor Vasco António, uma pessoa muito acessível e muito humana. Pôs-nos ao corrente do que era o Banco Alimentar e qual o seu propósito.

Essa era uma época em que o país passou por muita necessidade. Foi para dar resposta a isso que criaram o Banco Alimentar no Norte. O senhor Vasco contou-nos que, para aquilo que precisavam, não tinham o suficiente, mas que procuravam ajudar todos. No nosso caso, não nos prometeram nada, mas disseram que iriam tentar de alguma maneira ajudar-nos. Contamos-lhe que éramos um grupo de evangélicos, não escondemos nada.

Passados uns meses, recebemos um telefonema deles, e disseram-nos que tinham lá uma oferta para nós – na altura estávamos nas vésperas do Natal. Fui lá e deram-nos 120 kg de arroz. E eu perguntei se era para continuarem a dar-nos ou só tinha sido só naquela vez. Disseram-me que aquilo tinha sido um excesso que tinham e que iriam ver se conseguiriam meter-nos no Plano de Distribuição. Passado pouco tempo, fizeram isso.

Inicialmente, era apenas para a Igreja, mas, na altura, também já estávamos a fazer Escola Dominical em Serzedo e, lá, havia muitas crianças com muitas necessidades. Quando começaram a dar-nos regularmente, tirávamos uma parte para a Igreja, para cerca de 3 famílias que estavam a passar muita necessidade. Numa dessas famílias, 3 elementos tinham ficado recentemente desempregados. Começamos a

tirar também, especialmente leite e bolachas para dar às crianças da Escola Dominical de Serzedo. Aquilo começou a evoluir muito. No entanto, há 2 anos eu tive de deixar esse trabalho, porque já não conseguia continuá-lo devido aos meus problemas de saúde. E, infelizmente, não havia quem ajudasse. Então, tivemos de escrever uma carta ao Banco Alimentar a agradecer toda a disponibilidade que tiveram para connosco, mas que tínhamos de deixar, porque não houve ninguém que quisesse continuar com esse projeto. Há poucos jovens na Igreja, cada um tem o seu trabalho, e são poucos aqueles que se disponibilizam para fazer trabalho social.

Foi assim que começou e foi assim que acabou o trabalho com o Banco Alimentar. Apesar disso, continuo a manter contacto com eles, e sei que, se um dia fosse preciso, eles voltariam a ajudar-nos. **É difícil ser mulher num contexto marcadamente masculino? Como?**

Apesar de a educação que os homens tiveram neste país, durante muitos anos, o facto de serem sempre os homens a mandar, não era para mim uma dificuldade. Talvez porque tenho uma personalidade muito forte. Também, como a minha mãe estava muitas vezes internada no hospital, eu tinha que tomar conta dos meus irmãos, tanto os mais novos como os mais velhos, e fazia com que cada um a cumprisse as suas tarefas. Além de tomar conta deles e da casa, tinha de ir ao hospital visitar a minha mãe todos os dias. Não era fácil! Não havia máquinas de lavar a roupa, era tudo lavado à mão. Era necessário cozinhar, passar a ferro e tudo. Por isso, e eu tinha de me impor. Talvez por isso nunca achei que fosse difícil.

Na igreja, também não havia problemas com isso. A Igreja de São Mamede teve um projeto de visitar os presos na prisão de Paços de Ferreira. Isto porque, uma vez, recebemos uma carta de um jovem que estava lá. Ele era de Vila do Conde e pediu-nos apoio. Foi outra experiência extraordinária! Íamos uma vez por mês a Paços de Ferreira. Juntámos um grupo e eu organizava quem ia naquele mês (éramos sempre 3 ou 4 - a Norberta, a Emília, o meu irmão Emílio, eu e um jovem chamado António e o Afonso). Fui eu que comecei a organizar esse grupo. O diretor da cadeia de Paços de Ferreira chegou a mandar cartas para a igreja a enaltecer o trabalho que estávamos a fazer.

Houve um Natal em que mobilizei as senhoras da igreja, para que

cada uma fizesse um bolo para levarmos à prisão. Depois, alugámos um táxi e quatro de nós fomos à prisão para levar todos os bolos. Quando vínhamos embora, apareceu mais um jovem da Igreja. E agora para regressar éramos cinco. Mas não podiam ir mais do que quatro pessoas no táxi, então esse rapaz foi na mala do carro.

Os jovens lá da igreja respeitavam-me, e alguns eram rapazes mais velhos do que eu. Por isso, não tive muito problema, na parte social. Na parte espiritual, nos cultos as mulheres não oravam e não falavam, mesmo nas Reuniões de Jovens. Mas, como fomos habituados assim, ninguém estranhava.

Noutras coisas, não via que houvesse proibições ao que eu, como mulher, podia fazer. Nós tínhamos um grupo que cantava nas Reuniões de Jovens que havia uma vez por mês entre as igrejas de Gaia, Espinho, Porto e Leça da Palmeira. As meninas davam testemunhos, cantavam, diziam poesias, e nunca nos proibiram de fazer nada.

Quais são as áreas que considera fundamentais nas quais a igreja se deveria envolver mais seriamente?

No contexto em que atualmente vivemos, eu acho que estamos a pecar muito na área social. Não estou a ver projetos nenhuns na área social. E, mesmo no contacto mais direto com as pessoas, acho que nos estamos a fechar demasiado dentro das quatro paredes.

No nosso tempo, a Igreja cresceu muito, porque tínhamos alegria e gozo de dizer aos nossos amigos que éramos Protestantes – porque era assim que nos consideravam. Tínhamos alegria e gozo ao dizer aquilo que éramos e em convidá-los para virem connosco à igreja.

Acho que, hoje em dia, perdemos esse sentido de obrigação de testemunharmos aos outros aquilo que somos e de como o Senhor tem feito coisas extraordinárias nas nossas vidas. Falo por mim própria, não estamos a cumprir aquilo para o qual o Senhor nos chamou.

Quero dar um alerta! Estamos todos adormecidos, estamos demasiado satisfeitos com a nossa vida e esquecemo-nos de tantos, que estão ao nosso redor a caminhar para o Inferno, e nós não estamos a fazer nada. Novos e velhos, acordemos! A trombeta do Senhor está prestes a tocar e nós estamos todos a dormir. Que o Senhor nos ajude a todos!

Entrevista conduzida por Rute Vivas

Transcrição feita por Sara Pardilhó





Pedro Lopes e família

Queridos irmãos, é com muito prazer que escrevemos este texto para dar notícias da nossa família e ministério que o Senhor nos confiou neste mundo. Antes de tudo queremos dar graças ao nosso bom Deus e Pai pelo Seu inefável amor, graça e misericórdia com que Ele nos cerca a cada dia. Sabemos que todas as coisas que vivemos são possíveis por causa da Sua bondade que diariamente derrama sobre nós. O louvor, a honra e glória pertencem unicamente ao Soberano Senhor.

Neste momento (Março de 2020) a nossa família encontra-se bem. Como é do conhecimento da maioria dos irmãos, o Senhor quis aumentar a nossa família e deu-nos a Maria, a nossa filha mais nova (4 meses), para se juntar aos outros quatro filhos: Miguel - 12 anos; Rute - 10 anos; João - 5 anos; Tiago - 2 anos. Temos sido grandemente abençoados e santificados por Deus através da nossa família e pelos desafios próprios de uma família “numerosa”. Queremos agradecer aos irmãos todas as orações e gestos de amor que têm tido para conosco nestes últimos tempos, tendo em conta as dificuldades que temos vivido. Como é do conhecimento dos irmãos o nosso filhote Tiago nasceu com Trissomia 21, mas este não foi o grande problema. O mais grave aconteceu por volta do meio ano de idade quando lhe foi diagnosticado Síndrome de West (forma rara de epilepsia infantil). A partir desse momento o Tiago teve vários internamentos, muitas complicações de saúde e, por causa dos efeitos da epilepsia, podemos dizer que teve um retrocesso no desenvolvimento que chegou perto da inaptidão total. Os prognósticos dos médicos não eram os melhores. Associado a todas estas complicações o Tiago teve de ser alimentado por sonda nasogástrica durante meio ano, também fez (e ainda faz) ventiloterapia, terapias e fisioterapia respiratória. Pela graça de Deus temos ultrapassado cada desafio com aquela segurança e confiança que só os filhos de Deus conhecem. Neste momento o Tiago tem desenvolvido bem, muito acima do que era esperado. Sabemos que todas estas coisas são fruto da graça de Deus.

Neste momento o Miguel e a Rute estão a frequentar o 6º e 5º ano de escolaridade no ensino público e o 2º e 1º grau do Conservatório de Música de Aveiro, o Miguel em violino e a Rute em viola d’arco, em ambos os casos com muito bom aproveitamento.

A Susana tem servido na Igreja local como professora de EBD, e em casa continua o seu trabalho de ensinar os nossos filhos em regime de ensino doméstico. Tanto o Miguel como a Rute estiveram em E.D. até ao 4º ano, agora está somente o João. Além do trabalho como professora, também ocupa parte do seu dia em fisioterapia e terapias ocupacionais com o Tiago. Podemos dizer que trabalho não falta.

Em relação ao ministério, estamos a servir a Igreja local da Gafanha da Nazaré desde 2017 no ensino, aconselhamento, visitação e discipulado. Em 2018 abraçamos o trabalho de revitalização da Igreja em São Jacinto. Juntamente com outros irmãos da IEGN temos vindo a fazer trabalho de evangelização, reestruturação do modelo de ensino centrado na pregação expositiva procurando ter a Palavra como o centro da vida da igreja, acompanhamento espiritual dos

membros já existentes e restabelecer contactos com pessoas que no passado frequentaram a Casa de Oração. Além do problema de uma cultura católica (embora não praticante) muito enraizada, o grande problema que temos vindo a notar é uma aceitação indiferente, ou seja, as pessoas ouvem, agradecem as palavras mas preferem continuar no seu caminho de perdição. Neste caso pedimos as orações dos irmãos para que o Senhor nos conceda um espírito perseverante neste trabalho e fidelidade à Sua Palavra. A tentação de querer resultados rápidos é grande e real. Apesar do nosso desejo de ver muitas conversões em pouco tempo, temos de saber esperar pelo tempo de Deus. Que o Senhor nos livre de cometermos o pecado de forjar conversões através de metodologias e artifícios. Os irmãos sabem que esta é uma tentação real dos nossos corações que precisa de ser combatida. Pedimos orações por fidelidade e perseverança neste trabalho tão honroso de levar o Evangelho aos perdidos.

Eu (Pedro), continuo envolvido na direção do Centro Evangélico de Retiros do Palhal, na direção da Juventude Evangélica da Beira-Vouga e até final de 2020 era coordenador do Departamento de Jovens da CIIP. Cada um destes ministérios apresentou os seus desafios num ano tão atípico como foi 2020.

Alguns motivos de oração :

- Orem por nós como casal. A correria e problemas do dia-a-dia podem nos levar a descorar o nosso próprio casamento. Até aqui o Senhor tem-nos ajudado a ter um bom equilíbrio nas nossas prioridades entre a nossa vida social, ministerial, familiar e conjugal. Que o Senhor nos ajude a continuar assim.
- Orem por nós como pais. Criar filhos nos caminhos do Senhor sempre foi um desafio, mas nestes últimos tempos tem-se revelado cada vez pior. Basta estar atento aos jornais para perceber como Satanás tem usado a política e os meios de comunicação como meio para doutrinar as nossas crianças. Que o Senhor nos dê sabedoria espiritual para conduzir os nossos filhos na Verdade.
- Orem para que o Senhor nos continue a abençoar no Seu serviço, tanto na igreja local, bem como nos restantes ministérios acima apresentados. Precisamos que Ele seja conosco, como disse Moisés “Se a Tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar” (Êx 33:15).
- Orem para que o Senhor nos continue a dar o pão de cada dia. Até aqui temos visto a graça de Deus sobre nós ao nos dar o que precisamos mês após mês, para que todas as nossas responsabilidades financeiras sejam honradas. Damos graças a Deus que tem usado a Igreja local, o Departamento Missionário e outros irmãos como instrumentos em Sua mão para sustentar a nossa família.

Contactos:

Pedro: 916075555

Susana: 912615062

Email: lopes.pedrosusana@hotmail.com